

## Capítulo II

# Francisco Luís Gomes: O Bramanismo em conflito com o Liberalismo.

## I - O enquadramento sócio-histórico

### O Liberalismo em Portugal.

A constituição de 1822 votada pelas Cortes Gerais Extraordinárias e Constituintes, sob o influxo da Revolução de 1820, e a Carta Constitucional outorgada à nação portuguesa por D. Pedro IV em 1826, são um marco miliário na história de Portugal. Estes dois documentos foram uma repercussão concreta em Portugal das idéias liberais que tinham começado a aparecer por toda a Europa com as Revoluções Americana e Francesa, e dos ideais proclamados por elas.

"A revolução de 1820 foi universalmente recebida e festejada como a restauradora da pública felicidade" (1), porquanto os vintistas anunciaram as idéias essenciais da democracia -- soberania da Nação, respeito da personalidade individual, igualdade jurídica" (2). "O grande tema ideológico e sentimental em 1820 era o câmbio do súbdito pelo cidadão, a substituição dos direitos magestáticos pela soberania nacional, o desterro do édito pela lei" (3).

Ambas as leis fundamentais acima referidas garantiram à nação "o direito de liberdade" e, com elas, o absolutismo português entrou em crise e finalmente extinguiu-se. É a partir da Revolução de 1820 que Portugal iniciou a sua hesitante e sinuosa

---

(1) José Liberato F. de Carvalho. "Ensaio Histórico Político", pag. 233, citado por M. S. em *Dicionário de História de Portugal*, da direcção de Joel Serrão, art. "Constituição de 1822".

(2) Joaquim de Carvalho, *Hist. do Reg. Rep.* 1,177 citado em *Dicionário de História de Portugal*.

(3) *Ibidem* 164

experiência liberal.

A influência desse liberalismo fez-se sentir de diversas maneiras na vida política, económica e social do país.

Para os fins deste estudo, importa realçar que o Romantismo, considerado mesmo em linhas genéricas como um fenómeno mental geral, antes do que tão-só como um fenómeno literário, está indissociavelmente ligado " ao processo contemporâneo do sinuoso curso da experiência burguesa da liberdade" (4).

A primeira experiência pública da mentalidade romântica consistiu nas tarefas oratória e legislativa levadas a cabo nas Cortes Gerais. Almeida Garrett foi o corifeu do Romantismo através do *Retrato de Vénus* (1821) e *Catão* (1822); no domínio da pintura e da música, a tendência romântica aparece reflectida na obra de António Domingos Sequeira e de João Domingos Bomtempo que havia procurado regenerar, por meio da harmonia dos sons, a memória de Camões (*Requiem "à memória de Camões"*); no campo da história e da literatura, uma das facetas do Romantismo manifestou-se na sua perspectiva de procurar o novo sob a inspiração do antigo mais recuado ou mais próximo. Alexandre Herculano é o protótipo desta perspectiva.

#### **As repercussões do Liberalismo da Metrópole em Goa.**

O Liberalismo da metrópole não podia deixar de ter as suas ressonâncias nas províncias do Ultramar. Já em 1808, na primeira tentativa liberal de consciencialização política dos problemas nacionais, o juiz do povo, o tanoeiro José de Abreu Campos, na sua " súplica" apresentada à Junta dos Três Estados, mandada reunir por Junot, pede que -- além de uma constituição e um rei constitucional -- " as nossa colónias, fundadas por nossos avós, e com o seu sangue banhadas, sejam consideradas como províncias ou distritos, fazendo parte integrante do Reino, para que seus representantes, desde já designados, achem em a nossa organização social os lugares que lhe pertencem logo que venham ou possam vir ocupá-los " (5). Verifica-se, pois, que o liberalismo apresentava, já desde os seus primórdios, "propósitos bem claros de debelar

---

(4) Joel Serrão, *Dicionário de História de Portugal*, art. "Liberalismo", por T.E.

(5) Joel Serrão, *op. cit.*, art. "Liberalismo" por Joel Serrão, pag. 509.

a crise em que se debatia o tradicional sistema colonial " (6).

No que diz respeito a Goa, pode-se afirmar que foi através de certas cartas particulares e jornais ingleses que as notícias da Revolução de 1820 e da sua aceitação por D. João VI chegaram a Goa, em Março de 1821 (7). O resultado foi que tais notícias provocaram o desejo de estabelecer ali o regime liberal ". É provável, porém, que já antes destas notícias, contidas aspirações de liberalismo agitassem o espírito de muitos residentes naturais da Índia (8).

O Governador do Estado da Índia, ao tempo, era o vice-rei Conde do Rio Pardo. Ao intento de um grupo de cidadãos do estado, de aclamar a Constituição política em Goa, associou-se o da deposição do mesmo vice-rei (9). "Expunham eles que as sagradas bases " da Constituição proclamada em Portugal, "eram a liberdade de cada cidadão, a segurança pessoal e o direito da propriedade, bens inapreciáveis, se não goza uma monarquia absoluta, degenerada as mais das vezes em despotismo " ... (10).

Preso e recolhido o governador no convento do Cabo, foi eleita por tropa, em 16 de Setembro de 1821, uma junta provisional de cinco membros que se denominou Junta Provisional do Governo do Estado da Índia que na Proclamação ao Povo, habitantes da Índia Portuguesa disse o seguinte: " Nova época agora nasce, e o clarão do fogo eléctrico que já há muitos meses vivifica nossos concidadãos da Europa e América, já resplandece no Concan. O Sr. D. João VI, o mais amável dos monarcas, sem ruínas e opressões nem sangue dos seus povos ( flagelos ordinários de revoltas políticas ) por um decreto seu de 24 de Fevereiro do ano corrente tem anuído aos votos nacionais, e aprovado a Constituição de Portugal para todas as possessões e domínios do império lusitano " (11).

No relatório da Junta Provisional a Sua Majestade, entre outras coisas, está afirmado o seguinte; " No deplorável abatimento, em que se acha esta província, sem forças, sem comércio, sem indústria, dessecados todos os mananciais da prosperidade,

---

(6) *Ibidem*.

(7) Miguel Vicente D'Abreu, *Relação das Alterações Políticas de Goa*, Nova Goa 1862, pag. 1. Pe Gabriel Saldanha, *História de Goa*, Nova Goa 1925, pag. 239.

(8) *História de Portugal* sob a direção literária de Damião Peres, Vol VII, art. "Domínio Português no Oriente", pelo Prof. J. G. Santa Rita.

(9) Miguel Vicente de Abreu, *op. cit.* pag. 2

(10) *Ibidem*, pag. 3 - 4.

(11) *Ibidem*, pag. 10 - 11.

só o tempo e as providências das cortes soberanas poderão ir cicatrizando pouco a pouco as suas profundas chagas, tristes resultados da pestífera escravidão, se nau restaurar nela o antigo esplendor do século 16, ao menos colher os frutos que no actual Estado da Índia pode produzir" (12).

Várias medidas administrativas tomadas por esta Junta comprometeram a sua estabilidade. Então, em 3 de Dezembro de 1821, foi eleita uma outra no lugar da primeira que foi declarada extinta (13).

A eleição de deputados às cortes foi uma realização concreta das tendências liberais em Goa. Os deputados eleitos foram Bernardo Peres da Silva, Constâncio Roque da Costa, e António José de Lima Leitão. A esta eleição seguiu-se a instauração, em Portugal, do regime absoluto. Rejeitado o absolutismo, D. Maria II foi aclamada rainha constitucional em 10 de Janeiro de 1834. D. Pedro IV, na qualidade de regente, nomeou Bernardo Peres da Silva governador do Estado da Índia com o título de Prefeito da Índia, em Janeiro de 1835. Era a primeira que um filho da terra governava a sua própria terra. Mas o governo deste Prefeito não durou muito.

A dissolução e a extinção do Exército da Índia, pelo decreto de 11 de Novembro de 1871, que significou o termo da mentalidade militar, foi um outro efeito do liberalismo em Goa.

"A 22 de Dezembro de 1821 começou a imprimir - se numa tipografia trazida de Bombaim e montada no andar inferior do palácio do governo, uma folha oficial com o título de 'Gazeta de Goa' " (14).

Este restabelecimento da Imprensa foi também obra do liberalismo, pois que a encomendação da tipografia foi um dos primeiros actos da primeira Junta Provisional.

Os benefícios que Goa e, de uma maneira geral, o Ultramar colheu das tendências liberais são resumidos por Francisco Luis Gomes, nos seguintes termos: "Entre as muitas providências adoptadas para o Ultramar, desde 1834, merece especial menção a organização da justiça, a criação do conselho ultramarino, a lei da imprensa,

---

(12) *Ibidem*, pag. 39.

(13) Pr. Gabriel Saldanha, *op.cit.* pag 241 - 244.

(14) *Ibidem*, pag. 245.

OS  
BRAHMANES

ROMANCE

POR

FRANCISCO LUIZ GOMES



LISBOA

TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE PORTUGAL.

26, Travessa da Patriarcha, 95

1866

a reorganização da secretaria da marinha, a extinção do tráfico da escravatura e as filantrópicas medidas, sobre a escravidão, do sr. Visconde de Sá que pode com justa razão ser chamado o Vilberforce portuguez "(15).

### **Francisco Luís Gomes, o mais lídimo representante do Liberalismo em Goa.**

Francisco Luís Gomes nasceu em Navelim, Salsete, Goa, em 31 de Maio de 1829. Uma criança precoce, ele, já com a idade de oito anos, podia escrever em português e, antes mesmo de atingir a maioridade, tinha-se formado pela Escola Médica de Goa. Um poliglota que sabia francês, italiano, inglês, marata, além de português e concanim, escrevia para o *Boletim Oficial*, bem como para os jornais *Ultramar* e *Defensor da Verdade*.

Quando, em virtude da Carta Constitucional de 1826, o Estado da Índia ganhou o direito de representação nas Cortes, Francisco Luís Gomes candidatou-se pelo círculo eleitoral de Margão e foi eleito ao parlamento português em 1860. Os princípios da Revolução Francesa fizeram dele um democrata por convicção. Daí, durante a sua estada em Portugal, como parlamentar, fez-se membro do partido Regenerador que se batia pela democratização das instituições parlamentares em Portugal e pelo desenvolvimento do ideal de governo autónomo local através da transferência gradual do poder político das classes para as massas. Tal era a confiança que o partido tinha nele que frequentes vezes era-lhe confiada a tarefa de dirigir debates importantes e de apresentar o ponto de vista da oposição.

Não havia assunto algum, fosse político, administrativo, económico ou diplomático, que não lhe dissesse respeito. Gomes foi também um jornalista que escreveu para diferentes periódicos em Goa e Lisboa. " A paciente penetração dos problemas, a agudeza da reflexão, uma infatigável actividade de espírito crítico no sentido da descoberta de novas directrizes e de verdade novas " (16), valeu-lhe a distinção de ser eleito doutor *honoris causa* em ciências políticas e sociais, pela Universidade de Lovaina. À sua morte em 1869, Tomás Ribeiro prestou-lhe homenagem dedicando-lhe uma ode (17).

---

(15) F. L. Gomes, *A Liberdade da Terra*, pag. 10.

(16) Luís da Cunha Gonsalves, Discurso na homenagem a F.L. Gomes, na Academia das Ciências de Lisboa no *Centenário de F.L. Gomes, 1829 - 1929*, sep. do *Jornal das Colónias*. pag. 14.

(17) Vejam-se *Introduction to Selected Works of F.L. Gomes*, Bombay 1932; *Centenário de F.L. Gomes 1829-1929*, Comemoração em Lisboa, sep. do *Jornal das Colónias*.

Muito longe de cristalizar em formas definidas, o liberalismo de Francisco Luis Gomes é uma convicção robusta. Respeito quase religioso pela liberdade e pelos direitos do cidadão do ultramar (18), espírito de luta pelo bem-estar dos seus conterrâneos (19), defesa dos humildes (20), repulsa pela tirania e pela atitude dos europeus de considerar os ultramarinos inferiores aos da metrópole (21), oposição intransigente à escravatura e ao comércio de pretos da África (22), fé no progresso moral, social e económico do país (23), são, desde cedo, traços dominantes da sua

(18) "A liberdade sem a universalidade é o privilégio; e os privilégios perseguidos em Portugal (chegada a época constitucional) não podiam ir acolher-se ao ultramar" (*A Liberdade da Terra e a Economia Rural da Índia Portuguesa*, Typografia Universal, Rua dos Calafates, 1862, pag. 12)

(19) "Não lhe (a Portugal) resta, pois, mais do que trazer à unidade que é a origem da força e da vida, esses membros dispersos dum grande corpo (as províncias do ultramar) sem os privar contudo da sua individualidade, garantida pela distância, pelas diferenças dos climas, e outros contrastes profundos" (*A Liberdade da Terra*, pag. 13).

(20) "A segurança externa, a paz, a organização do trabalho pela liberdade, a propagação da religião, a ligação dos libertos à propriedade e à família, em uma palavra, a recomposição pelos princípios modernos de uma sociedade nascida na escravidão é a necessidade das províncias", do Ultramar. (*A Liberdade da Terra*, pag. 15).

(21) "As revoluções antigas derrubavam os feudos, os privilégios, os fortes, os poderosos; as revoluções futuras hão--de levantar os pequenos, os humildes e os miseráveis. As revoluções passadas fizeram pequenos os grandes; as revoluções futuras hão-de fazer grandes os pequenos. As revoluções passadas eram os furacões que abatiam os castelos e os confundiam com o pó da terra; as revoluções futuras devem ser os terremotos que levantem as camadas íntimas e as tornem primeiras. As revoluções passadas foram o *deposuit potentes*; as revoluções futuras devem ser *sursum corda*. As revoluções passadas emaciparam as classes; as revoluções futuras hão-de libertar as massas, emancipando as indústrias, barateando as subsistências, propagando a instrução" (*Discurso na Câmara dos Deputados*, em 1 de Maio de 1865, em Felizardo Pereira, *Apontamentos Para a Biografia de F. L. Gomes*, Bombaim 1892, pag. 180).

... "mais modelos que tudo são os princípios santos, que num governo livre mandam que centenas de cidadãos não sejam privados dos direitos políticos, desses, pelos quais se participa da formação ou exercício dos poderes sociais, só por term tido a desdita de nascerem no Ultramar". (Discurso na sessão de 18 de Janeiro de 1861, em Felizardo Pereira, *op. cit.* pag. 14)

(22) "Victor Hugo encontrou miseráveis no centro da cidade mais ilustrada e das mais populosas, encontrou miseráveis na cidade de Paris; mas escaparam-lhe essoutros miseráveis que povoam as terras de África, e a quem a Providência, não sei com que fim mysterioso e superior à minha razão, deu o invólucro das trevas. Triste rótulo que tem sido argumento para negarem os foros de homens, e para os converterem em machinas em proveito de outros com quem a Providência nesta parte foi mais benigna. (...) A raça africana traça o luto que recebeu das mãos da natureza." (*Discurso na sessão de 12 de Abril de 1864*, em Felizardo Pereira, *op. cit.* pag. 156).

"A escravidão foi base das sociedades antigas, a liberdade é das modernas. A fraternidade universal proclamada do alto do Calvário, infiltrou-se nos costumes e leis. Debaixo da sua influência benéfica o direito entra com energia em luta contra a força e enfraquece o seu império, a liberdade passa além dos muros da cidade, a família constitue-se, o escravo torna-se servo. (Discurso na sessão de 13 de Fevereiro de 1861, em Felizardo Pereira, *op. cit.*, pag 21).

(23) " Dans son activité extérieure, l'homme accomplit des actes qui ont pour but la conservation et l'amélioration de sa vie, et pour mobile, l'intérêt personnel. Il résulte de ce que nous avons dit, que les lois qui régissent ces actes ne peuvent pas être contraires à celles de la morale et du droit" *Essai sur la Théorie de l'Economie Politique*, cit. em *Centenário de F. L. Gomes*, Lisboa 1929. pag. 9.

mentalidade, traços que se mantêm com a mesma firmeza e a mesma veemência através de todas as vicissitudes e diante de quaisquer obstáculos.

A coloração profundamente cristã do seu credo liberal é evidente à primeira vista. Assim, no discurso na Câmara dos Deputados pronunciado em 12 de Abril de 1864, diz: " A filosofia não esperou que a economia política lhe ensinasse que o trabalho livre era mais fecundo para proscreever a escravidão e a servidão. Foi Cristo quem deu o primeiro golpe nessas instituições, deu-o sem hesitar, porque não tomava chá nem café" (24). E continua: " A minha vitória será a igualdade que nivela, como a água do mar, os grandes e os pequenos, os fortes e os fracos, os ricos e os pobres; a minha vitória será o reino do mundo modelado pelo reino do céu; a minha vitória será a reforma de todos os códigos pelo evangelho" (25), é a convicção de F. L. Gomes expressa pela boca de Tomás, uma das personagens do romance *Os Brahâmanes*. Frases como: " Porque não ilumina a liberdade todos os povos, embora a sua luz seja sol para os brancos, lua para os pretos, aurora para os pardos?", ou essoutra " Porque não hão- de os ricos voltar os olhos para esses lázaros (*raças pretas da África e da América*) que gemem e agonizam, e são seus irmãos em Jesus Cristo, no povo e na liberdade?" (26) e ainda: "É para os homens o poder sem limites uma vertigem, e a natureza humana fraca garantia. Só Deus pode ser onipotente sem perigo" (27), não são simples explosões sentimentais. São formas reflectidas em que se condensa o essencial do pensamento do filósofo-romancista-economista-político-historiografo.

A liberdade, ele define-a em função da participação do cidadão na vida política do país. Assim, no discurso proferido na câmara dos deputados, em 18 de Janeiro de 1861, Gomes diz : "..... mais modelos que tudo são os princípios santos, que num governo livre mandam que centenas de cidadãos não sejam privados dos direitos políticos, desses, pelos quais se participa da formação ou exercício dos poderes sociais, só por terem tido a desdita de nascerem no Ultramar". Mas a participação tem de ser responsável e , por isso, admite-se "que se exijam do cidadão, que gosa desse direito, todas as condições que garantam o uso judicioso e independente do seu voto"(28).

É, todavia, inegável que cedo o liberalismo de F. L. Gomes se coloriu de um amor

---

(24) Felizardo Pereira, *op. cit.* pag 157

(25) F. L. Gomes , *Os Brahâmanes*, 2ªed, 1928, Nova Goa, pag.188. A ortografia e o acento estão actualizados.

(26) *Ibidem*, pag.204.

(27) *A Liberdade da Terra*, pag.11.

(28) em Felizardo Pereira, *op. cit.* pag.15-16.



pelo passado glorioso da Índia e, de uma maneira geral, de um sentimento romântico. A veneração pela Índia antiga, ele expressou-a com ardor na sua carta a Lamartine: " Je suis né dans l'Inde orientale, dans ce pays qui fut le berceau des poesies, philosophies et des histories, et qui en est à present le tombeau. J'appartiens à cette race qui composa Mahabaratta et inventa les echecs -- deux oeuvres qui portent en elles quelque chose d'eternel et d'infini. Mais cette nation qui faisait de ses poèmes, ses couts et formulait la politique en un jeu, ne vit plus", (29); o romance *Os Brahâmanes* tem muitas referências históricas de matiz romântico, tais como frases retóricas: " A pátria de Manu deve voltar aos seus senhores "; ou citação de máximas e um conto do *Hitopadessa* cuja leitura feita, no decorrer da história do romance, por um brâmane sábio, quase-asceta (30) é, nas intenções do autor, destinada a criar um enlevo pelo passado da Índia, na alma sensível de Tomás bem como do leitor; ou ainda, o tecer da revolta dos sipaios na intriga do romance.

A esta veneração da Índia antiga, Gomes aliava a simpatia estética por tais autores como Victor Hugo e Lamartine. Pinheiro Chagas falou da " predilecção justificadíssima de F. L. Gomes pelo grande poeta da Europa" (V. Hugo) a qual transparece na criação do "tipo mais perfeito", Frei Francisco, inspirado pelo " bispo Myrlel dos *Miserables* ", bem como " no formoso capítulo" do mesmo romance "a que deu o nome Gethsemany", escrito nos moldes do poema *Tempête sous un crane* (31).

A liberdade, na concepção de F. L. Gomes, não tem uma coloração puramente racionalista, antes se desenvolve pela teoria e prática do progresso económico e social, e dela são manifestações os seus livros *Essai sur la theorie de l'Economie Politique et de ses rapports avec la morale et le droit*, e *De la question du coton en Angleterre et dans les possessions portugaises de L'Afrique occidentale*, embora com as suas limitações (32). O liberalismo de Gomes encontra um apelo consentâneo em tudo o que

(29) *Ibidem*, pag.256.

(30) *Os Brahâmanes*, pag. 215 - 219.

(31) Pinheiro Chagas, Apreciação de *Os Brahâmanes* feita no jornal *A Gazeta de Portugal*, reproduzida na 2ª ed. do romance, pag.11, bem como em Felizardo Pereira, op. cit. pag. 221-222

(32) "Optimism and simplification were the dominant characteristics of the intellectual life of the last century (...) The hopes of the century for the amelioration of the masses, for the rapid march of civilization, for national and international betterment were fondly lodged in universal franchise, in equality and in the natural reason of mankind, as the powerful solvents for every type of social, political and economic malaise. F. L. Gomes was a victim to this stout, albeit misplaced, optimism built on foundations of sand (...) F. L. Gomes overlooked the fact that neither sense of duty nor passion for justice nor inborn abilities enable an individual to change the institutions of the society in which he is born and whose captive he is". (Avertano Correia Fernandes, Armando Menezes, *Introduction to Select Works of F. L. Gomes*, Memorial Volume, Bombay 1931. pag XIII).

significa, e em todos os que personificam a luta contra a desigualdade bem como a promoção do *homo ultramarinus*. Foi deste impulso, o seu "lofty philosophic temper and incorruptible sense of justice" (33), que nasceu o seu trabalho historiográfico *Le Marquis de Pombal. Esquisse de sa vie publique*. No capítulo XV, diz o autor que a Índia recebeu deste grande ministro de D. José uma protecção quase paternal. Na conclusão diz F. L. Gomes que o Marquês não deu a Portugal as instituições liberais mas arrasou as absurdas diferenças de classes que existiam entre o povo, libertou o país do jugo do clero, destruiu o fanatismo e a superstição da terra e, em suma, abriu o caminho para a liberdade criando todas as condições essenciais para ela. Portugal e suas colónias devem ao Marquês algumas leis civis caracterizadas por grande sabedoria e em perfeita conformidade com a igualdade.

## II - *Os Brahâmanes*: o romance nascido do Liberalismo de F. L. Gomes

### O enredo do romance

Senhor de grande fortuna na Índia -- mais particularmente, em Fizabad, do distrito de Oude " que é a Roma do brahmanismo", no Norte da Índia -- feita com plantações de tabaco, Mr. Davis, um irlandês, fica paralisado e chama seu sobrinho, Roberto, à Índia para tomar conta das propriedades, com a promessa de o nomear seu herdeiro. Roberto é viúvo e deixa a filha, Helena, de poucos anos, em Londres, em casa de um irlandês, Hartman, para educar. Na Índia, Roberto comporta-se como todos os ingleses da sua classe.

"A vida de Roberto corria monótona entre os deveres e as lembranças", principalmente da sua filha. Roberto revela, no seu comportamento, maneiras secas e um modo cheio de enfado, desprezo e sobanceria nas suas relações com os numerosos empregados entre os quais se encontra um, de nome Magnod "que possuía a confiança do velho Davis, e lhe merecera sempre particular estima e consideração". Com poucos amigos, Roberto tem um amigo íntimo na pessoa de Frei Francisco, um missionário português em Oude.

Magnod é um brâmane ortodoxo com as melhores qualidades e os piores defeitos das pessoas desta casta. O temperamento e o ambiente social contribuíram para fazer

---

(33) *Ibidem*, pag. XXIII

do brâmane aquilo que ele é.

Certo dia, por ignorância dos costumes locais, Roberto insulta e faz agarrar por criados párias o brâmane Magnod. Desonrado e 'profanado' na sua casta (pois perdeu-a), Magnod abandona a mulher e os filhos e refugia-se na floresta, para se fazer um *tôgo*, um monstro humano, uma 'perfeita' encarnação da desumanidade, um sacerdote de Bovami, a deusa da morte.

A mulher para quem, tendo perdido a casta, o marido praticamente já morrera, suicida-se. Roberto, apiedado com as trágicas consequências que um acto impensado desencadeara, encarrega-se dos dois filhos de Magnod. Melhor seria dizer que é Frei Francisco que assume directamente a responsabilidade de educar os dois filhos de Magnod, com a promessa de Roberto o auxiliar, fâ-los baptizar com nomes de Emilia e Tomás e manda-os para Inglaterra para junto da filha de Roberto, Helena, onde serão educados por Hartman.

Entretanto, o tio paralítico morre. O advogado recebe as últimas instruções do falecido e abre uma escrivania onde devia encontrar-se o testamento. Este desaparecera, assim como algumas jóias valiosas, e só aparece um testamento anterior, que fora revogado, nomeando herdeiro Ricardo, irmão de Roberto, e recomendando que este se case com a sobrinha, Helena. Todos estão certos de que foi Magnod quem roubou o último testamento para se vingar de Roberto. Entretanto, este está pobre e dificilmente consegue, durante anos, enviar as mesadas para pagar a educação de Helena e dos filhos de Magnod. Nestas circunstâncias, Frei Francisco, um sacerdote muito humano e um santo segundo o espírito do Evangelho, auxilia, com grandes sacrifícios pessoais, Roberto na tarefa de educar os dois filhos de Magnod.

Em Fizabad, porém, surge um homem misterioso, de nome Sobal, muito rico que, em um certo dia, salva a vida de Roberto, mas que, mais tarde, lhe exige a pagamento de uma dívida que comprara a um seu credor e que o tortura, ameaçando-o de o enviar para a prisão.

Em Inglaterra, Helena e os dois filhos de Magnod são educados no princípio da igualdade cristã e tornam-se verdadeiros irmãos, amigos sinceros e devotados uns aos outros. Já crescidos, descobrem que Roberto está arruinado, saem do colégio, empregam-se e conseguem dinheiro para regressar à Índia.

Tomás apaixonou-se por Helena, mas Roberto pretende que esta case com seu tio Ricardo, segundo os desejos do falecido Mr. Davis. Tomás, um tipo perfeito do cavalheirismo cristão, debate-se entre amor por Helena e gratidão a Roberto.

Ricardo, aproveitando-se da graça e simplicidade de Emília e usando de lisonja, seduzia-a. Achando-se um dia grávida, revela o facto a Ricardo que lhe diz que vai seguir a Calcutá para pedir a anuência de Tomás para se casar com ela (Emília). Logo após a partida de Ricardo, Emília descobre que Ricardo é um malvado, um verdadeiro vilão que seguiu para Calcutá apenas para a abandonar no estado em que ela se acha. Emília morre de parto e de vergonha, confiando o filho a Helena.

Tomás volta de Calcutá e vai encontrar-se com Sobal que é destinatário de umas cartas da firma para a qual trabalha naquela cidade.

Nesse encontro, quando Tomás se refere a Roberto como seu pai, Sobal revela o facto de que Roberto foi o assassino de seus (de Tomás) pais, atribui a morte de Emília a Roberto e, acrescentando que Roberto o odeia porque é brâmane, incita o jovem a odiar o seu pai adoptivo e a vingar-se dele.

Enquanto decorre este encontro entre Tomás e Sobal, Helena vai declarar a seu pai, Roberto, que não se dispõe a casar com Ricardo porque este é um vilão e pede ao pai que não a obrigue a isto. Logo após Helena sair do gabinete de Roberto, Sobal entra nele para falar de assuntos do dinheiro da dívida e, durante a conversa, revela-lhe que Helena perdeu a sua honra de mulher. Para provar o seu asserto, Sobal leva Roberto até ao quarto onde se encontra Helena e pelo buraco da fechadura mostra-lhe Helena apertando ao peito uma criança e beijando-a ternamente. Roberto, desfalecido perante esta cena, fecha-se num quarto. Depois, Sobal vai ter com Tomás e entrega-lhe a quitação em que declara que Roberto lhe pagou o dinheiro da dívida e leva Tomás a encontrar-se com Helena.

Estando Helena e Tomás a fazerem declarações de amor, Roberto aparece de súbito no meio deles. Tomás, num impulso instintivo, sente que chegou o momento de se vingar do assassino da sua família. Prestes a arremessar contra Roberto o seu "casse-tête", ouve da boca do seu adversário que Helena -- nesse momento abraçando Tomás ela está a impedi-lo de ferir seu pai -- tem um filho. Ao ouvir esta notícia chocante, Tomás cai por terra sem sentidos.

Em seguida, Ricardo é assassinado e Tomás é preso, por suspeitas de ser o assassino. Na prisão, é visitado por Frei Francisco a quem, protestando a sua inocência, desabafa a sua grande desilusão perante o que ele pensa que é a prostituição da mulher que ele adorava como um anjo, bem como a vilania de Roberto. Frei Francisco desfaz uma por uma as calúnias de Tomás e assegura-lhe com toda a firmeza que Roberto o educou com grandes sacrifícios e não tem nenhuma culpa na morte de Emília e que Helena é realmente um anjo sem, porém, revelar a paternidade da criança, paternidade esta que Frei Francisco soubera pela confissão de Emília antes de morrer.

No tribunal, durante o julgamento de Tomás, Helena, a fim de proteger o segredo de Emília, afirma primeiro que não pode revelar os nomes dos pais da criança, mas depois, para os efeitos de obter a restituição da criança que tinha sido recolhida pelos homens da lei, declara que a criança é sua e de Tomás. Tomás protesta contra esta infâmia e eis senão quando, Sobal entra dramaticamente no tribunal revelando toda a verdade: que a criança é de Emília e Ricardo; que fora ele próprio quem assassinara Ricardo. Mais tarde se sabe que ele o fez para vingar a honra de Emília, sua filha, pois ele era nem mais nem menos do que Magnod.

A história do romance termina durante a revolta dos sipaios em 1857. Magnod escapa da prisão e ascende a chefe dos revoltosos naquela zona. O seu primeiro cuidado é mandar uma força para guardar a casa de Frei Francisco onde estavam recolhidos Tomás e Helena. Sobal irrompe, em seguida, em casa de Roberto para se vingar dele e, depois de deitar à cara do seu velho adversário, o seu orgulho e soberba, prepara-se para o matar quando, de súbito, aparece Frei Francisco. O bom do sacerdote pede a Magnod que perdoe a Roberto assim como este o há-de perdoar a ele também. Dá-lhes então uma lição sobre como a melhor vingança é o perdão e revela a Sobal que Roberto fizera tremendos sacrifícios para educar as três crianças, e a Roberto, que tudo o que se disse de Helena era falsíssimo.

Com a força moral das suas palavras e da sua pessoa, Frei Francisco opera o milagre moral da transformação de Magnod que, finalmente, devolve o testamento de Davis e as jóias que ele vendeu. Um mês depois, Magnod recebe o baptismo e Tomás casa-se com Helena; um *happy end* que já se esperava.

## Os Brahâmanes: uma apreciação

### i) O conflito íntimo e as personagens.

Logo, de relance, torna-se patente que *Os Brahâmanes* é um romance através do qual Francisco Luís Gomes "pensou em revelar aos seus compatriotas europeus algumas das peculiaridades mais notáveis dos costumes dos indígenas"(34). Ressalta igualmente à vista que se está diante de um romance de tese (35). Assim, *Os Brahâmanes* é uma obra destinada, como qualquer romance de tese, "a viabilizar objectivos sócio-culturais precisos", i.e., é uma obra pela qual Francisco Luís Gomes teve a intenção de *dizer alguma coisa*, nomeadamente, "focar aspectos da vida, de modo a que a sua interpretação pessoal da mesma vida ressaltasse dessa obra"(36).

O objectivo primário de F. L. Gomes não foi expôr os males do sistema de castas existente na Índia. De facto, quando o romance foi publicado pela primeira vez em 1866, um crítico escreveu no jornal *A Revolução de Setembro*, que "o romance do Sr. Gomes, como o seu título bem o indica, é um estudo consciencioso da casta conhecida pelo nome que serve de título ao livro"(37). Sem dúvida, esta preocupação deve ter estado na mente do autor. Todavia, o romance deve ser compreendido numa perspectiva mais ampla. Por toda a sua vida, Francisco Luís Gomes, como orador ou publicista ou historiógrafo ou economista foi, como se viu acima, um homem que se bateu pela liberdade e igualdade dos homens, principalmente dos seus conterrâneos.

O romance nasceu como um fruto do liberalismo do seu autor, do seu ideário da liberdade, igualdade e fraternidade iluminado pela religião cristã, antes, pela fé e caridade cristãs, e pela sua sensibilidade romântica, e um amor acendrado e sincero pela pátria portuguesa.

Na carta dirigida ao Sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos, que serve de introdução ao romance, Francisco Luis Gomes escreveu estas palavras relevadoras:

"É necessário que os princípios da liberdade, igualdade e fraternidade, eternos na sua duração, sejam também universais na sua aplicação; que

---

(34) Pinheiro Chagas, *loc. cit.* em Felizardo Pereira, *op. cit.*, pag. 221-222

(35) cfr. Filinto Cristo Dias, *Esboço da Literatura Indo-Portuguesa*, pag 12; Vimala Devi e Manuel de Seabra, *A Literatura Indo-Portuguesa*, J.I.U, Lisboa, 1971, pag. 197.

(36) Carlos Reis, *Discurso Ideológico do Neo-Realismo Português*, capítulo "Literatura de tese", pag. 182.

globo, e penetrem até as últimas camadas. Só então a regeneração do homem será completa. Proclamando-o aqui em alta voz, e desejando-o com toda a energia do meu coração, não cuido que seja seduzido por uma miragem social. E que o fosse, mesmo assim eu não ganharia pouco, porque é esta uma das tais utopias benéficas e esplêndidas que despertam com grande poderio o nosso ânimo que elevam os miseráveis acima das suas misérias e os afortunados acima do seu egoísmo e transportam a uns e outros às alturas do Sinai, donde só se descortina a bandeira hasteada no cume do Calvário, que é a bandeira da humanidade" (38).

A história do romance gira em volta do conflito entre Magnod, um brâmane hindu ortodoxo, e Roberto Davis, um irlandês, cultivador de tabaco, radicado em Oude, no norte da Índia. Cada um deles tem no seu íntimo um sentimento inato de superioridade e orgulho. A superioridade do primeiro é a que lhe advém da sua condição de pertencer à mais alta casta na hierarquia do sistema. Eis como o romancista descreve o brâmane:

"Os brâmanes são uma dinastia e uma casta. Brahma é o sol, e os brâmanes os seus raios. Os brâmanes saíram da boca de Deus, como o mais puro dos seus verbos, e os sudros nasceram dos seus pés, como o mais vil pó. Não é dado ao sudro nem ao pária tocar no brâmane" .... (39).

A sua pureza é "como a virgindade, uma inteireza perfeita...; o brâmane ... uma vez infamado nunca volta à sua pureza" (40).

Magnod é uma figura tal qual existe concretamente na sociedade, "qual o pintam as superstições, o orgulho e o fanatismo", e não o brâmane aureolado de respeito e consideração qual o pintam os Vedas, pois "o brâmane destes é menos puro e mais humano" (41). O seu orgulho da casta transparece no seu apego fanático às tradições indianas que o leva a recusar "aos párias e sudros a simpatia que ele concedia aos irracionais", e a não se deixar modificar na rigidez das suas crenças, "pelo conhecimento da civilização europeia", "pela convivência com (a família) Davis", e pelo "longo tracto" com o missionário português, Frei Francisco (42).

---

(37) Felizardo Pereira, *op. cit.*, pag. 222.

(38) *Os Brahâmanes*, pag. IX-X; a ortografia e o acento estão actualizados.

(39) *Ibidem*, pag. 24.

(40) *Ibidem*, pag. 25.

(41) *Ibidem*, pag. 26.

(42) *Ibidem*, pag. 28.

Roberto Davis é, por sua vez, também um homem possuído de superioridade, a de ser um branco que "conservava todos os hábitos e costumes que trouxera da Europa". De etnia inglesa, da classe desses que humilham e chasqueiam as pessoas de cor (43), vivendo na sociedade anglo-indiana, Roberto é uma figura que evoca o império colonial britânico, os dominadores. Ele anda como os nababos (44). Daí, não tem "nem ânimo nem paciência ... para estudar os costumes da Índia". Sua sobrançeria, em relação à sociedade indiana, ressalta do facto de que ele conhece apenas "a sociedade no meio da qual se educara", e não cuida que os costumes da Índia sejam "tão diversos dos da Europa" (45).

É o desprezo pela cultura e sociedade indianas que leva Roberto a falar poucas vezes a Magnod em inglês e, muitíssimas vezes, a escarnecê-lo, chamando-lhe *gentleman of colour*. Ele não se conciliará com o pensamento de uma Obrian casar com um indiano, ainda que seja brâmane (46). O mesmo desprezo leva-o a falar com desprimor das crenças indianas e a assumir uma atitude de arrogância, quando, afinal, dá ordens a seus criados para trazerem Magnod, à sua presença. Para ele, o prestígio do europeu é um valor que fica acima de qualquer atitude reconciliatória para com a pessoa ofendida.

O conflito dramático no romance é o "choque entre dois bramanismos, o moreno e o branco" (47), um choque entre dois tipos de altivez que tem a sua raiz na raça e cultura.

Este conflito irá encontrar, em termos de idéias, --- "a moral do seu romance", como disse um crítico dos nossos dias (48) --- a sua resolução nas palavras que F. L.

---

(43) *Ibidem.* pag.64.

(44) *Ibidem.* pag.170.

(45) *Ibidem.* pag.22-23.

(46) *Ibidem.* pag.184,198.

(47) Armando Menezes, *Introduction à traduction anglêsa deste romance sob o título The Brahmanas*, Goa 1970, pag.7.

(48) Devi - Seabra, *op. cit.* pag. 197.

"A tese de Francisco Luis Gomes é a injustiça do sistema das castas, que ataca valerosamente, sem, no entanto, lhe apontar uma solução, indispensável num romance de tese como este. F. L. Gomes confunde solução com moral, atitude, de resto, muito corrente. E a moral do seu romance é o triunfo da caridade sobre a paixão, muito ao gosto da época, a qual, aliada a uma intriga bem delineada de *roman passionel* faz de *Os Brahmanes* uma obra que ainda hoje se lê com interesse, pois o autor consegue mesmo comunicar-lhe um forte *suspense* que prende o leitor."



Gomes põe na boca de Tomás: "A minha vitória será a igualdade que nivela, como a água do mar, os grandes e os pequenos, os fortes e os fracos, os ricos e os pobres; a minha vitória será o reino do mundo modelado pelo reino do céu ; a minha vitória será a reforma de todos os códigos pelo evangelho" (49).

Magnod tipifica a altivez teocráticamente consagrada e socialmente cristalizada. Ele sintetiza em si o que há de melhor e de prior no brâmane. Comparando-o a " um diamante de Golconda", o romancista descreve-o como dotado da mais clara inteligência, da perspicácia natural à sua casta e de actividade pouco vulgar na Índia, um ser atormentado pela sede de honras e distinções. À altivez da casta, Magnod alia " o ódio do indígena, vencido mas não subjugado [que] encara (.....) o despótico europeu que veio fugindo dos seus nevoeiros natais, assentar as suas tendas à luz esplêndida do sol industânico "(50). Seria o nome Magnod uma combinação de dois vocábulos latinos *Magnum odium*?

Robert Davis protagoniza a arrogância da raça conquistadora. "Sei que pertences a essa raça que conquistámos," diz Ricardo Davis (seu irmão) a Emília. Roberto assume o estilo da vida dos nababos da Índia (51).

Entretanto, vale a pena notar que ambas as personagens têm, cada qual, suas virtudes. Assim, por exemplo, enquanto Magnod é um homen que " não tinha cobiça do dinheiro", o seu adversário tem na sua altivez algumas atenuantes: um homem educado cristamente é dotado de um coração sensível e delicado. Após o seu comportamento censurável para com o brâmane, ele é mordido pelo remorso da consciência. Dentro das suas convicções cristãs, compreenderá, mais tarde, quando estiver a contemplar o seu opróbro, a ruína da sua filha e o desamparo dos dois órfãos, que Deus o castigou e ele está a expiar os desatinos da sua mocidade e o mal que fez a Magnod (52).

Evidentemente, ao criar estas duas personagens, o romancista foi muito influenciado pela sua própria formação cristã.

---

(49) *Os Brahâmanes*, pag. 188.

(50) Pinheiro Chagas, *loc. cit.*

(51) *Os Brahâmanes*, pag. 170.

(52) *Ibidem*, pag. 109.

Este conflito dramático atinge o seu auge, quando o branco que humilha o brâmane é vexado e apeado das alturas do seu bramanismo branco. Após provar o fundo do cálice das suas humilhações e desgraça, Roberto torna-se devedor do seu adversário Magnod (agora sob a máscara de Sobal) e, de mãos unidas, implora compaixão. É clara a intenção do romancista:

"O homem que estava com mãos postas e pedindo com tanta humildade era esse que há onze anos, debaixo destes mesmos tectos, humilhara a um aceno seu o orgulho de uma raça, e abatera a dignidade de uma casta" (53).

A segunda humilhação que Roberto sofre às mãos de Sobal é quando este lhe causa um grande choque, mostrando-lhe sua filha Helena a apertar ao peito uma criança que Roberto instantaneamente, após prévias sugestões de Sobal, julga ter sido gerada clandestinamente por Helena. Roberto sofre um grande abalo moral, uma ferida no sentimento da sua superioridade racial. Finalmente, a humilhação de Roberto às mãos de Magnod fica consumada, quando Roberto está, finalmente, fisicamente falando, à mercê do seu velho adversário. Pergunta-lhe Sobal: "Dizei-me agora: onde estão vosso orgulho, as vossas soberbas?" Este sarcasmo foi um golpe profundo. Ferido no seu amor próprio, Roberto balbucia: - "o meu orgulho está em pedir-vos a morte" (54).

A humilhação do brâmane Magnod percorre vias diferentes. Talvez porque a altivez do brâmane é inspirada e sancionada pela religião mas levada aos extremos pela organização social, Magnod é levado pelo romancista a expiar esta mácula no seu carácter, no abismo da degradação moral.

Sua conspiração, quando os *hamales* ou criados da casta mais baixa o arrastaram diante de Roberto foi tal que nada --- ele o sente --- nem mesmo "suas lágrimas ainda que tão sagradas e copiosas que fossem como as águas do Ganges" (55) lavariam a nódoa. O desespero da salvação invade-o e leva-o a ser um *tôgo*, um sacerdote da deusa da morte, o qual "chama ao mal bem, ao crime virtude, ao criminoso santo, ao inferno céu, ao demónio Deus". É a inversão da harmonia na natureza (56).

Daí em diante, Magnod vai ser a personificação da crueldade e desbotamento da humanidade (*Magnum odium?*), pois ele, em obediência aos preceitos da sua nova religião, estrangulará o seu querido cão, e tentará estrangular Frei Francisco. Ele torna-

---

(53) *Ibidem*, pag. 146.

(54) *Ibidem*, pag. 281

(55) *Ibidem*, pag. 40.

(56) *Ibidem*, pag. 49-54.

se um monstro humano que, sob a capa das virtudes de beneficência, magnanimidade e caridade, "tem um coração repleto de cólera, incapaz de" esquecer a vingança, "um demónio feroz" que se compraz em torturar a sua pobre vítima (57) e brada vingança a Roberto (58).

As faíscas fugazes de humanidade que nele aparecem --- ele salva Roberto duma eventual queda do cavalo; a quitação da dívida de Roberto --- são apenas meios para atingir melhor o seu fim: a vingança a Roberto. Entretanto, há nele uma única faúlha de verdadeira humanidade: é o respeito e consideração pela autêntica virtude, representada por Frei Francisco, e também por Helena e Tomás, e será esta faúlha que o humanizará e o resgatará da "profundeza do inferno" (59) em que se despenhou e da qual ele julga que nunca mais vai emergir. Desta forma, falta-lhe a perspectiva cristã da esperança. Daí, Magnod, para expiar a altivez do seu bramanismo moreno é condenado ao inferno da degradação moral.

Despiedosa e cruel --- dirá alguém --- a humilhação que ambos os bramanismos conhecem. Sim. Porém, a crueldade é contrastada e atenuada pelo comportamento das três personagens que povoam o romance, Frei Francisco, Helena, e Tomás. Elas reflectem, em graus diferentes, as virtudes básicas do credo liberal do autor.

O liberalismo de Francisco Luís Gomes era um liberalismo inspirado pelo Evangelho de Jesus Cristo. Daí, a redenção dos males causados pelos dois bramanismos podia ser operada só por uma personagem da craveira moral de Frei Francisco.

Frei Francisco, o missionário português, pároco de Oude, ao serviço do Padroado Português no Oriente, é uma figura que realiza em si o ideal de um perfeito homem e um perfeito homem de Deus. Um escravo, por livre escolha, da vida monástica e austera, Frei Francisco abraçara espontâneamente as virtudes evangélicas de renúncia ao mundo, obediência, sacrifício, oração e dedicação total ao serviço do seu rebanho. Nisso ele encarna o ideal liberal da vida monástica, sacerdotal católica, tal qual F. L. Gomes aprendera da Igreja. "Frei Francisco era liberal. Aprendera a sê-lo no evangelho. Para ele não havia classes nem condições, escravos nem senhores, párias nem rajputros; todos eram filhos do mesmo Deus. A sua política era o cristianismo (60). Ao

---

(57) *Ibidem*, pag. 144-147.

(58) *Ibidem*, pag. 246.

(59) *Ibidem*, pag. 40.

(60) *Ibidem*, pag. 93.

mesmo tempo, os pequenos apegos ao mundo que o frade tem --- ele possui dois canários e recebe deles um amor que compensa o amor humano que ele, como sacerdote, renunciou --- fazem dele uma figura humana não indevidamente sublimada pelo romancista.

Frei Francisco é o paradigma das virtudes de um "cristão, português, presbítero, pastor" (61), tudo ao mesmo tempo. Haverá um momento na sua vida --- será o seu Getsémani (62) --- em que ele defrontará o drama das exigências desta sua condição.

É, em virtude deste ideal, que sintetiza em si, que Frei Francisco pode actuar, no decorrer de toda a história do romance, como um verdadeiro catalisador, no embate das paixões humanas, e como uma força providente, reconciliadora, redentora. Ele é o "verdadeiro herói do romance" (63).

A outra personagem em que transparece o ideário liberal de F. L. Gomes é Tomás, filho de Magnod. Feito cristão, após a morte da mãe e o abandono por parte do pai, Tomás é educado em Londres por uma família cristã. É esta educação cristã que faz com que os dois filhos de Magnod e Helena, a filha de Roberto Davis, se amem com o amor verdadeiro de irmãos, a ponto de Helena tratar Tomás, muito à maneira goesa, por mano-Tomás e os três sentirem imenso qualquer eventual separação entre eles. Na Inglaterra, os dois indianos crescem desafeitos aos complexos de superioridade bramânica de que sofrem os seus conterrâneos na Índia. É o ideal da igualdade que o autor vê realizado através das suas personalidades do romance. "A igualdade é uma realidade quando é um sentimento do coração," dirá o autor, falando do amor de Helena e das duas crianças indianas.

Educado a expensas de Frei Francisco e Roberto e mantendo uma relação de sincero afecto e ternura, sem nenhum travo de sensualidade, Tomás é um amante que se debate cavalheirescamente entre gratidão e amor. Quando regressa à Índia, o ambiente indiano não o ajuda a viver a igualdade social que aprendeu na Europa, pois descobre que a sua condição de indiano faz dele "pobre, plebeu, desgraçado" (64), e estampa na sua frente o "estigma da escravidão" (65).

---

(61) *Ibidem*, pag. 139.

(62) *Ibidem*, pag. 131-142.

(63) Armando Menezes, *loc. cit.*, pag. 7.

(64) *Os Brahâmasnes*, pag. 195.

(65) *Ibidem*, pag. 192.

De nada vale a sua nobreza de carácter, porque a sociedade não permite que uma descendente dos Obrians se case com um brâmane. A sua educação cristã, ocidental libertou-o de todas as peias da igualdade humana; mas a sociedade indiana é um obstáculo para converter em realidade os ideais da igualdade e responde com um "Impossível"(66).

É neste cadinho de contradições e oposição social que o romancista purifica esta personagem, símbolo do seu ideal de igualdade. Mas, finalmente, é a nobreza do coração de Tomás para com Helena e desta para com Tomás --- "o orgulho dos meus avós não o herdei" (67), diz ela a Tomás --- a força que supera todas as barreiras sociais. É neste cadinho que Tomás exclama: "a minha vitória será a igualdade que nivela, como a água do mar, os grandes e os pequenos, os fortes e os fracos, os ricos e os pobres, "e se prepara para um duelo --- que afinal é o duelo do autor (68) --- com essa sociedade.

É a nobreza do coração de Tomás que o levará para aquele momento em que se dirigirá a Helena nestes termos: "onde quer o destino te conduza, pobre ou rico, brâmane ou irlandês, a minha vida é tua, para sempre" (69), e para aquele outro supremo, no final da história do romance, em que "um só abraço uniu a todos quatro" (Magnod, Helena, Tomás e Roberto) ... A desventura estava no ocaso, e a felicidade começava finalmente a raiar para este grupo"(70).

Ao lado destas personagens principais, fazem parte da trama do romance, Emília, o símbolo da fraqueza humana e Ricardo Davis, irmão de Roberto, o vilão da cena, segundo as convenções literárias do tempo.

"A educação aperfeiçoara-lhe os dotes, mas não corrigira os seus instintos de altivez". Daí, Emília tornou-se vulnerável à lisonja. E esta mácula no perfil moral fê-la vítima do carácter traiçoeiro de Ricardo.

---

(66) *Ibidem*, pag. 206.

(67) *Ibidem*, pag. 195.

(68) *Ibidem*, pag. 188.

(69) *Ibidem*, pag. 254.

(70) *Ibidem*, pag. 284.

# 1829 Centenario de Francisco Luis Gomes 1929

## Comemoração em Lisboa .

Comemorar o centenario de Francisco Luis Gomes era, inquestionavelmente, um dever de civismo, a que a consciencia nacional não poderia esquivar-se. A geração intelectual de hoje, tão profundamente compenetrada das suas obrigações morais, praticou, acima de tudo, um acto de justiça, prestando á memoria daquele grande vulto do seculo passado, que foi, no consenso unanime de todos os criticos e historiadores portugueses, uma gloria nacional, a homenagem devida ao seu assombroso talento e á sua notabilissima obra.

Oriundo da India, mas português pelos sentimentos e pela condição politica, e latino pelo genio e pela cultura do seu formoso espirito, Francisco Luis Gomes, que já em vida merecera as homenagens unanimes de todos os homens notaveis do seu tempo, não poderia deixar de receber, após a morte, a consagração dos pósteros.

A estatua, que lhe vai ser erigida na capital do Estado da India, é a glorificação prestada pelos seus conterraneos á memoria de quem tanto soube enobrecer, pelo labor da sua intelligencia e pelas suas virtudes como cidadão, a terra que lhe foi berço. A sessão solemne, que se efectuou na Sociedade de Geografia de Lisboa, e que revestiu um cunho de excepcional sumptuosidade, foi o preito prestado pela Nação á sua obra imorredora, constituindo, em toda a linha, um fecho de ouro, a rematar as celebrações centenais.

Se o povo da India, unindo-se como um só

homem, para a celebração do centenario de Francisco Luis Gomes, soube afirmar o seu culto pela memoria de um seu filho dilecto, que tão alto ergueu o seu nome, a Metrópole, associando-se áquella comemoração, e exaltando a sua memoria e a sua obra, pela voz autorizada de alguns dos seus mais distintos academicos e homens de letras, demonstrou por igual que não sabe regatear os seus louvores e a sua admiração, a todos quantos, onde quere que seja situado o lugar do seu nascimento, contribuíram com o seu esforço e com a actividade da sua intelligencia, para prestigiar, dentro do País e perante o estrangeiro, o nome da Nação.

E Francisco Luis Gomes, sob qualquer aspecto que se encarar a sua personalidade, foi um homem que, além de ter conquistado para si proprio um nome imortal, além de ter engrandecido a terra onde nasceu, enobreceu o nome da Nação Portuguesa, impondo-se á admiração de toda a Europa.

O *Jornal das Colonias*, que, fiel á sua orientação e programa, tomou a iniciativa da solemne comemoração efectuada em 31 de Maio, não pode occultar o seu desvanecimento, perante o exito alcançado por aquella comemoração; e, certamente, melhor apoteose não poderia ser levada a efeito, do que aquella que se realizou, e onde a obra de Francisco Luis Gomes, nos seus multiplos aspectos, recebeu a consagração de eminentes figuras da actualidade, representando o escol do intellectualismo português.

# NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

**Uma grandiosa sessão solene, com a assistencia dos membros do Corpo Diplomático e representantes do Governo — Associam-se á homenagem as Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto e o antigo Presidente da Republica sr. Dr. Antonio José de Almeida — O sr. Dr. Julio Dantas, presidente da Academia das Sciencias, abre a sessão, e num discurso brilhante, louva a iniciativa do «Jornal das Colonias», tecendo o elogio do homenageado — Três socios effectivos da Academia das Sciencias, encaram em notáveis discursos, a personalidade de Francisco Luiz Gomes como parlamentar, historiador, economista e homem de letras.**

A sessão solene, que, por iniciativa do *Jornal das Colonias*, se realizou no dia 31 de Maio, para comemorar o centenario do nascimento de Francisco Luis Gomes, decorreu com uma imponencia raras vezes igualada. De facto, a sala da Sociedade de Geografia, apesar das suas vastas dimensões, foi, naquela tarde, insufficiente para conter o grande numero de pessoas que ali afluíram, avultando na assistencia o elemento feminino, que, sem exagero, estaria representado por cerca de 300 senhoras, as quais prestaram ao acto uma nota verdadeiramente elegante.

As novecentas e tantas cadeiras que a sala comporta ficaram literalmente ocupadas, em termos de centenas de assistentes se verem forçados a ouvir de pé as brilhantes orações academicas que ali foram pronunciadas.

Dissemos, no nosso numero anterior, e repetimos hoje, que para esse brilhantismo concorreram muito a prestigiosa e notavel figura do presidente da Academia das Sciencias e eminente homem de letras sr. dr. Julio Dantas; os ilustres academicos srs. dr. Antonio Ferrão, Mosés Anzalak e dr. Luis da Cunha Gonçalves, que com tamanha erudição dissertaram sobre a obra de Francisco Luis Gomes, e ainda, o grande numero e a qualidade dos assistentes.

Entre estes predominavam os professores das Faculdades e de outros estabelecimentos de ensino da capital, socios da Academia das Sciencias e da Sociedade de Geografia, magistrados, antigos ministros e parlamentares, ministros plenipotenciarios, altos funcionarios da Republica, escritores, jornalistas e academicos.

Naquella grandiosa e memoravel sessão, que

o foi, sob todos os pontos de vista, fizeram-se representar as Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto, estabelecimentos de ensino da capital, associações scientificas e varias outras colectividades.

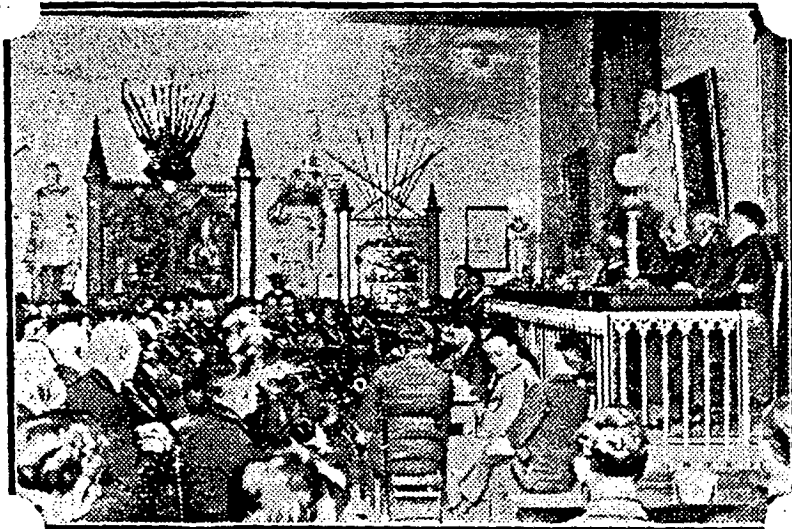
Torna-se-nos impossivel, apesar dos nossos esforços, dar um registo completo das individualidades que honraram o acto com a sua presença.

Entretanto, conseguimos tomar nota das seguintes:

Embaixador do Brazil, Ministro da Belgica, representante do ministro da França, mr. de Gallye d'Hybouville; dr. Gabriel da Silva, representante do ministro dos Negocios Estrangeiros; capitão Mala Mendes, representante do ministro das Colonias; comandante Mendes Cabeçadas, antigo presidente da Republica; dr. Augusto de Vasconcelos, antigo presidente do Ministerio e secretario geral dos Servicos da Sociedade das Nações; bispo de Trajanopolis; coronel Manuel Coelho, antigo presidente do Ministerio; dr. Sousa e Andrade, presidente do Supremo Tribunal de Justiça; general Roberto Baptista, dr. Ferreira de Almeida, chefe do protocolo do Ministerio dos Estrangeiros e ministro plenipotenciario; coronel Lisboa de Lima, antigo ministro das Colonias; dr. Cesar Mendes, ministro plenipotenciario; dr. Antonio Cabral, antigo ministro das Colonias; dr. Betencourt Rodrigues, antigo ministro dos Negocios Estrangeiros; dr. Antonio Patricio, ministro plenipotenciario; coronel Utra Machado, antigo ministro das Colonias; dr. Caetano Gonçalves, juiz do Supremo Tribunal de Justiça; almirante José Francisco da Silva, professor da Escola Superior Colonial; dr. Basilio da Veiga, juiz do Supremo Tribunal de Justiça; general Vitorio da Fonseca, dr. Francisco de Almeida, juiz do Supremo Tribunal de Justiça; capitão de mar e guerra Tito Moraes, antigo ministro da Marinha; capitão de fragata Sousa Gentil, antigo governador da provincia de Timor; dr. Tomaz Ribeiro de Melo, ministro pleni-

potenciário; almirante Eduardo dos Santos, dr. Pinto Barriga, antigo juiz do Supremo Tribunal Administrativo; dr. Rocha Saraiva, director e professor da Faculdade de Direito; dr. Brito Guimarães, antigo ministro dos Abastecimentos; dr. Leio Portela, antigo ministro da Justiça; dr. Francisco Antonio Correia, director do Instituto Superior do Comercio e antigo ministro dos Estrangeiros; dr. Guido de Vitatei, professor da Faculdade de Letras, representante do sr. conde de Penha Garcia; dr. Matos Cid, antigo ministro da Justiça; coronel Francisco Correia Meio, dr. Antonio de Aguiar, vogal do Conselho Superior das Colonias; comandante Bruto da Costa, dr. Lencastre da Veiga, director dos Serviços de Justiça no Ministerio das Colonias; dr. Bragança Perelra, juiz da Relação; Lopes de Mendonça, tenente-coronel Costa Veiga, director da Imprensa Nacional; dr. Jordão Henriques, consul de Portugal, general Moraes de Carvalho, dr. Oliveira Santos, antigo governador colonial; Ferreira Martins, director da revista «Luso-Colonial»; dr. Gonçalves Pereira, Alfredo da Silva, dr. Eduardo Leitão, conego

Alexandre Furtado, dr. Aires de Sousa, dr. Sousa Egiptu, dr. Caetano de Mendonça, almirante Paulo Cid, dr. Assunção Velho, chefe da repartição do Ministerio das Colonias, Sarto Fernandes, conego José Delgado, professor da Escola Superior Colonial, Alvaro da Gama Pinto, A. Varela, Felipe Pinto, Ielo Mascarenhas, Lamartine Dias, Alvaro Pinto, Ramiro Rodrigues, dr. Campos de Sousa Henriques, dr. Aleixo Costa, Valentim de Sousa, Constantino Esteves, Abilio Rodrigues, dr. Francisco Alberto Arruda, dr. Manuel Barreiros, Guilherme de Vila Verde Simões, A. Teles, dr. Mario Moreira, dr. Cid Baptista, antigo chefe do Serviço de Saude das Colonias; Alberto Brandão, A. Soromenho, Alberto Vieira de Castro, A. Rodrigues Pinto, José F. Fernandes, major João Cardoso, M. Luis Coêlho, Alvaro Fontes, engenheiro Santos Silva, Francisco Fontes, Francisco João Furtado, dr. Mousinho Lopes, Armando Cabral, engenheiro Joaquim Sousa, general Oliveira Gomes, Mendonça Ribeiro, director das O. P. de Moçambique; L. de Castro, representando o sr. Ernesto de Vilhena, antigo ministro das Colonias;



Um aspecto da [sessão] de homenagem a Francisco Luiz Gomes

Santa Rita e Souza, dr. Aleixo Mariano de Souza, consul de Portugal em Rangoo; dr. Alberto Vidal, antigo presidente da Camara dos Deputados; dr. Manuel Alvares, juiz de Direito; visconde de S. Bartolomeu, capitão Sertorio Lobato, engenheiro Leite de Castro, dr. Costa Andrade, administrador do Instituto de Seguros Sociais, dr. José de Macedo, professor do Instituto Industrial; cap. Liborio Simões Neto, dr. Augusto de Sousa, director geral da hygiene em Luknow; cap. Delduque da Costa, dr. José Inacio de Loyola, advogado e director da «India Portuguesa»; dr. As'olfo G. Pinto, consul de Argentina, dr. Joaquim Aires Gomes, major Costa Dias, professor da Escola Colonial, cap. ten. dr. Juio Gonçalves, Estolano Dias Ribeiro, administrador delegado da Companhia do Boror; dr. Agostinho de Sousa, cirurgião dos hospitais; dr. Cupertino de Andrade, dr. Lopo Simião, dr. Assis Martins, dr. Cunha Gomes, Don Pedro Molina, engenheiro Joaquim Colaço, engenheiro Castano Marques de Amorim, director das Obras Publicas da India; dr. Francisco da Veiga Beirão, Francisco Barreto, dr. Nazario da Costa, mr. H. Bull, Fulgencio Brito, dr. Teodoro de Sousa, dr. Arfano Furtado, dr. Antonio Furtado, dr. Hipolito Rodrigues, dr. Querolino Martins, dr. Francisco de Ornelas, rev. Francisco Jorge, capitão Eulogio Veloso, F. do Carmo, Antonio Rodrigues, dr. Antonio Faria, dr. Diogo Miranda, Lemos de Naples, dr. Lucio de Miranda, dr. Leopoldo Castellino.

Vasco de Vasconcelos, antigo ministro das Colonias; Peres Trancoso, antigo ministro das Finanças, Ramos Jorge, etc.

### Fala o presidente, sr. Dr. Julio Dantas

Constituida a mesa com a presidencia do sr. dr. Julio Dantas, secretariado pelos srs. dr. Luis da Cunha Gonçalves, coronel Lopes Galvão, dr. Constantino dos Santos e monsenhor Gustavo Couto, por aquele illustre presidente da Academia das Sciencias foi aberta a sessão, tendo pronunciado o brilhante discurso que inserimos a seguir:

—As minhas primeiras palavras são de agradecimento — disse o sr. dr. Julio Dantas. Ao «Jornal das Colonias», pela iniciativa desta homenagem; a comissão promotora, pelo convite que me dirigiu para aceitar a presidencia desta solenidade; as pessoas de representação que se encontram aqui, pela honra da sua presença. Tem-se dito que Portugal abusa das comemorações e das homenagens aos seus mortos illustres. Se assim é, bem haja! O culto dos mortos que dignificaram a Patria é um dever civico dos cidadãos e constitui um indicador seguro do grau de civilização e de cultura dos povos. Se, porventura, alguma vez pecámos, foi por omissão e não por excesso. Quantos mortos eminentes



gindo uma estatua ao seu filho que pelo talento e pelo amor tanto a sublimou, eu a saúdo. Senhor Presidente, minhas senhoras e meus senhores, repetindo com o Poeta: «Ditosa patria que tal filho teve!»

### AGOSTINHO FORTES

Professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

\* \* \*

### Encerramento da sessão

Terminado o discurso do sr. dr. Cunha Gonçalves, o sr. presidente proferiu as palavras de encerramento, congratulando-se com a comissão e com o «Jornal das Colonias» pelo brilho e a nobreza com que havia decorrido a sessão e lembrando á assembleia que ali se encontrava um sobrinho do inolvidavel escritor consagrado — o antigo parlamentar e jornalista sr. Prazeres da Costa. E o acto findou na ovação que os assistentes fizeram ao nosso director

### DISCURSOS

As brilhantes orações proferidas na sessão solene de 31 de Maio, e que em outro lugar reproduzimos na Integra, foram devidamente revistas pelos seus autores.

## A' memoria de Francisco Luis Gomes

Morrer! fugir do sol! furtar-se á gloria quem tão mimoso foi dos seus afagos. quem, no abismo sem fim dos sonhos vagos passara a vida a trasbordar de luz! Cair assim do pantheon da historia, do fastigio, do vertice, do cumulo, ante-sazão, no imenso mar, sem tumulto, onde não vela a sombra duma cruz!

Astro do rico Oriente, assim te abismas, ao volveres de novo ao floreo berçol quando, em miragens d'esperança immerso, vinhas, cansado obreiro, repousar!? Já vias palmeirais, e aurora e prismas, cascatas entre flôres deslumbrantes, e inevitaveis canções, falas amantes, já te ouvia o desejo áquem do mar...

E dobraste a cabeça, e adormeceste pelo oceano embalado, como embala a mãe que espregueia o filho e que não fala, até que ele se encosta e mais não ri. Tua alma, rosa mistica e celeste, fez-se aroma e subiu, desfeito o enleio! O mar que te embalara abrindo o selo disse-te:—Vem!— e tu entraste alt.

Nesse tumulto grande e cristalino, cheio de luz, d'anseio e de rumores, onde ha grutas e perolas e flôres e alamedas de rubidos corais! Insondaveis misterios do destino! foges, cansado, aos temporais da vida, ergues o vôo, e caís, aguia ferida, no pego dos eternos temporais!



TOMÁS RIBEIRO

Foi uma sina, amigo, e teu fadar'o era o do lidador que um dia ás vagas a vida arremessou! Quem sabe as plagas a que o vai arrojar o seu baixel? Quem sabe o caprichoso itinerario, que a nuvem cobre e o vento contraria? segredo do tufão, da calmaria, da restinga, do leme, e do parcel!

Ninguem se esconde á sorte. A sombra pálida duma geral saudade a India cobre, deixai passar a sombra triste e nobre, dai-lhe em tributo os cantos funerais. No mar ficou apenas a crisálida. O tempo, que as memorias divinisa, ha de escrever teu nome por divisa no pantheon das glorias orientais.

TOMAS RIBEIRO.

\* \* \*

*Todos qida se recordam de Francisco Luis Gomes, a cuja memoria consagro estes versos. Quando em 1861 teve pela primeira vez assento na Camara dos Deputados, eu encontrôo ali; militamos sob a mesma bandeira politica; eramos ambos de-votadores e crentes; a minha idade não iria multo aquem da sua idade; não tardou que nos consterassemos intimos.*

*Francisco Luis Gomes era filho da India; e representava em côrtes um dos circuitos daquele Estado. Deve estar ainda viva na memoria uns que o conheceram a vivacidade, a legancia, o colorido imaginoso e a logica imperiosa da sua*

## ii) Um liberalismo congado ao romantismo

Que este romance é um instrumento de que o seu autor se serve para proclamar e ensinar o seu credo liberal, isso ressalta logo à primeira leitura. Essa sua intenção positivamente didáctica revela-a ele mesmo nas palavras da sua carta que serve de introdução. Este romance é um jornal disfarçado:

"O livro .... é uma colecção de artigos escritos a lápis e em tudo semelhantes a esses que eu enviava, da câmara dos deputados, para a tipografia da *Gazeta* (.....). O romance (.....) é apenas a forma, o disfarce com que pretendo introduzi-lo nas estantes, e obter-lhe pousada mais larga do que é costume conceder aos jornais (.....) O romance tem domínios seus, vastos e exclusivos, e o jornal não pode entrar neles senão disfarçado, como os missionários do cristianismo entravam algum dia nas terras dos pagãos".

Que a sua intenção foi combater não apenas o bramanismo assente no sistema das castas das Índias, mas toda a espécie de bramanismo que significa dominação, com a concomitante exploração do homem, transparece tanto do conflito íntimo do romance como das palavras expressa pelo autor, no cap. VIII da II Parte:

"As raças pretas da África são os párias dos brâmanes da Europa e da América. Não gozam da luz vivificadora da liberdade nem da fresca sombra do amor.

Porque não ilumina a liberdade todos os povos, embora a sua luz seja sol para os brancos, lua para os pretos, aurora para os pardos?" (71).

No decorrer da narrativa, F. L. Gomes revelará, de novo, a sua intenção de moralizar e doutrinar com poder persuasivo:

"Os filósofos que declaram que um homem é igual a outro como um ângulo recto é igual a outro ângulo recto; os publicistas que ensinam que todas os cidadãos são iguais; que aprendam com esta inocente criança a verdade que ela proclama, ou antes que Deus ensina pela boca dela, que a igualdade é uma realidade quando é um sentimento do coração. De que serve a igualdade teórica e legal quando ela não penetra até aos costumes? Quando é necessário um sacrifício para a observar? (72).

---

(71) *Os Brahâmanes*, pag. 204.

(72) *Ibidem*, pag. 71.

Quando F. L. Gomes publicou *Os Brahâmanes*, o romantismo estava já em plena floração em Portugal, com Garrett e Herculano, seus corifeus sob a inspiração dos ingleses (Walter Scott, Byron principalmente), dos alemães (Goethe e Schiller) e dos franceses (Lamartine e V. Hugo).

Em *Os Brahâmanes* acham-se as preocupações fundamentais dos românticos e as características da corrente literária de que estes são os lídimos representantes.

Numa preocupação social, "o que Garrett faz, sobretudo, é uma crítica aos diversos grupos e instituições políticas do seu tempo," "à oligarquia política dominante" (73).

Em *Os Brahâmanes*, como se viu acima, a crítica às diversas espécies do bramamismo, "às peculiaridades da sociedade indiana que o filósofo humanitário vê com desgosto mas que entusiasma o humanista", bem como, "aos males profundos que viciam a organização dada pelos ingleses a esse vasto império" (74), é o âmago da história do romance.

"Dentro das concepções românticas Garrett procurou evocar (em *O Alfageme*) costumes e tradições desaparecidas" (75), e Herculano com o seu romance histórico afirmou-se "patriótico e restaurador do passado" (76). "O romance histórico, sobretudo como o concebeu Victor Hugo (*Notre Dame de Paris*) era aliás um género de limites indefinidos, em que se misturavam a prosa poética, a erudição, o comentário filosófico, social e político, a descrição pitoresca, a pretexto da narração (77). Dentro destas mesmas concepções, F.L. Gomes "pensou em revelar (...) algumas das peculiaridades mais notáveis dos costumes, das crenças, hábitos, preconceitos" (78), conservados "na sua primitiva pureza".

É assim que o leitor chega a saber quem são os brâmanes, os nababos, os tógos, os boiás, as bailadeiras e os sipaios; põe-se em contacto com o estilo da vida de uma família anglo-indiana, e vislumbra a condição da mulher indiana viúva ou como que viúva (como Bima, mulher de Magnod) e mãe não casada (como Emilia) a quem, privada do

---

(73) Saraiva - Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 13.ª ed., pag. 753..

(74) Pinheiro Chagas, *loc. cit.*

(75) Saraiva Lopes, *op. cit.*, pag. 752.

(76) *Ibidem*, pag. 769.

(77) *Ibidem*, pag. 769.

(78) Pinheiro Chagas, *loc. cit.*

marido, a vida não tem sentido, pois as convenções sociais não lhe permitem viver no mundo como um ser socialmente aceitável. O leitor chega também a conhecer alguns traços bem definidos da vida social da Índia, modificada pela obra evangelizadora levada a efeito pelos missionários do Padroado Português no Oriente. Todos estes são "ridentíssimos quadros," como disse Pinheiro Chagas.

Nas descrições bucólicas --- "paisagens pintadas com mão de mestre," na expressão de Pinheiro Chagas --- do arecal (página 78), da árvore-edifício que é a figueira da Índia (pag. 177), do jardim da casa anglo-indiana (pag. 80), da noite de inverno na Índia (pag. 131-133), encontra-se mais uma característica romântica do romance. Curiosamente, toda esta gama de informação sobre a vida social e a paisagem natural da Índia é dada pelo romancista a pretexto da narração, muito à maneira dos românticos portugueses e franceses, seus contemporâneos.

No movimento romântico, "há dois aspectos," diz Óscar Lopes, "a que se costuma dar um relevo especial: o historicismo e o individualismo." Se, de um lado, "o ponto de vista genético, histórico se começou a impor nos mais variados domínios " das ciências naturais, físicas e sociais, de outro lado, "o derrubamento final das instituições e ideologias feudais - absolutistas" tornou-se um dos ideais acarinhados pelos românticos, traduzido no tema consentâneo da revolta.

Fiel a estas concepções, Francisco Luís Gomes tece na intriga do romance a revolta dos sipaios de 1857 --- um evento histórico de grande significado na luta da Índia contra os dominadores ingleses --- como que para, numa penada cheia de inspiração, converter a injustiça privadamente feita a Magnod numa generalização irresistível (79). F. L. Gomes apregoa e como que prediz, num rasgo de inspiração realmente profética, o que deve um dia acontecer, para o povo da Índia vir a libertar-se de toda a sorte de bramanismo:

"O movimento foi sufocado, porque era uma revolta. Nem o *din* que soara no alto do Himalaia, nem o canhão, que atroara as muralhas de Delhi pudera despertar esse gigante, que dorme na Índia o seu sono de séculos --- esse gigante que, enquanto está dentro do coração humano, se chama *direito*, que na praça pública toma o nome de *revolução*, e que à primeira resistência se converte em incêndio" (80).

---

(79) Armando Menezes. *loc. cit.*

(80) *Os Brahâmanes*, pag. 272

Pinheiro Chagas foi quem, logo após a publicação do romance, observou que as personagens são "um pouco vagas", e "não têm uma individualidade bastante pronunciada" (81). De facto, elas estão esboçadas a traços largos, como que com um pincel largo. As personagens têm uma psicologia elementar, é o que delas se pode dizer, citando as palavras de Óscar Lopes a respeito das personagens de *O Arco de Sant'Ana* de A. Garrett (82). Em certos traços, falta mesmo a "*specula consuetudinis, imago veritatis*" (83), a que Cícero se referiu, falando da comédia, como sendo "*imitatio vitae*". Assim, por exemplo, Magnod é uma personagem que não podemos facilmente supor existir na vida. Ao ser apresentado como um protótipo de vingança que, na visão de F. L. Gomes, é um sentimento diabólico, pois milita contra os princípios da moral cristã, Magnod é pintado como um monstro humano. Afinal não é a vingança um sentimento humano muito natural? Que dentro do humanismo cristão autêntico, tal sentimento deva ser sublimado, isso é outra questão (84).

Igualmente, no fim do romance, a força moral da palavra e da personalidade de Frei Francisco transforma o "bronze" da monstruosidade humana de Magnod em "carne" da virtude e perfeição. Logo, após um mês, o brâmane converte-se ao catolicismo. A conversão para ser uma transformação verdadeira, é muito rápida. Daí, pouco provável.

É natural que, dentro da escola romântica, o romance esteja eivado de sentimentalismo, tanto mais que o autor era admirador de Lamartine que "tinha tocado a corda íntima do seu coração" (85).

Porém, o sentimentalismo do autor parece exagerado. Há momentos, na acção do romance, em que Tomás, no seu amor por Helena, parece, antes, uma personagem lamecha dotada de uma pieguice quase efeminada do que um jovem animado de um cavalheirismo e de um ardor masculinamente sincero e afectuoso.

No seu estilo de se comunicar, o romancista, muito à maneira de Garrett, uma vez "escreve como se falasse alto" (86). É um retórico de grande poder persuasivo,

---

(81) Pinheiro Chagas, *loc cit*

(82) Saraiva-Lopes, *op. cit. pag. 753.*

(83) Cícero, *De Republica*, IV, 3, citado por Wimsatt Jr. e C. Brooks, *Crítica Literária. Breve História*, Fundação C. Gulbenkian, Lisboa, pag. 66.

(84) Armando Menezes, *loc. cit.*

(85) "..... Ce serait pour moi un des jours les plus hereux de ma vie celui où j'aurais le plaisir de voir l'écrivain qui a touché le plus les fibres de mon coeur et dire -- *Virgilium vidi tantum*"

(86) A. Saraiva - O. Lopes, *op. cit.*, pag. 751.

marcando em tudo a sua intenção expressa de ensinar e doutrinar. As verdades que procura sublinhar são transmitidas em dizeres ou aforismos, pequenos comprimidos de idéias em linguagem tersa. Por vezes, algumas das suas máximas são aparentemente paradoxais. Assim, por exemplo: "a fraqueza da mulher é a sua magnanimidade. É fraca por que é boa" (87), ou estoura: "o jogo é o círculo vicioso da esperança". Outras vezes, interrompe a narrativa para uma confidência com o leitor. Mas estas idiossincrasias, longe de serem uma imperfeição, só indicam que F. L. Gomes escreveu um romance de cunho nitidamente romântico.

### iii) Um Liberalismo inspirado pelo Evangelho e fiel à Pátria Portuguesa

Do início ao fim, *Os Brahâmanes* é um romance de inspiração cristã, na base do qual está o Evangelho. Como se viu acima, as personagens como Frei Francisco, Tomás, Helena, Emília são todas moldadas, em graus diferentes, pelas convicções cristãs do autor. Ainda Magnod, a personificação do *magnum odium*, é, finalmente, transfigurado pelo cristianismo. Mais claramente expressa se encontra a inspiração cristã do romance, na resolução em termos de ideias, ou, na moral do conflito íntimo do romance. Esta, como se viu acima, está articulada nas palavras que o autor enuncia pela boca de Tomás: " ... a minha vitória será a reforma de todos os códigos pelo evangelho". E, de facto, no fim, é o Evangelho que vence todos e tudo.

Francisco Luís Gomes não devia ter estado em muitas partes da Índia. Com excepção de Bombaim (88), ele não devia conhecer qualquer outra parte da Índia. Aqui se põe uma pergunta: por que teria ele escolhido Oude, uma região do norte da Índia, então inglesa, que em toda a probabilidade, ele não conhecia, para o teatro da acção do romance? Pinheiro Chagas responde: "Porque (será esta uma glória nossa) nas possessões portuguesas estão por tal modo amalgamadas as raças conquistadora e conquistada que formam uma única população e que não há entre elas as diferenças profundas que o insuportável orgulho britânico tem conservado não só com grave prejuízo da civilização, mas também da dominação inglesa. Portanto, para encontrar os brâmanes fiéis às suas crenças (.....), é necessário transpor as fronteiras de Goa" (89).

Francisco Luís Gomes era um goês emocionalmente integrado na Pátria Portuguesa

---

(87) *Os Brahâmanes*, pag. 212-213.

(88) F. L. Gomes é autor de *Jornadas de Goa a Bombaim*, literatura de viagens que ele escreveu quando viajou de Goa a Bombaim, de certo, a caminho de Lisboa.

(89) Pinheiro Chagas, *op. cit.*

(que então compreendia a área continental europeia, as ilhas adjacentes e o ultramar) que se sentia perfeitamente, na alma e no coração, um com toda a nação, quaisquer que fossem as diferenças étnicas ou culturais entre as várias regiões da nação. Ele nunca contestou a soberania portuguesa em Goa. Ele bateu-se pela liberdade e pelo bem-estar de Goa e, a propósito, bateu-se também pelos interesses das outras províncias e do continente. Como bom filho dessa pátria, procurou explicar ou justificar os erros que se tinham cometido na colonização e missionação da sua terra (90).

Seria errado vislumbrar no liberalismo de F. L. Gomes as características do liberalismo do Sec. XX, cristalizadas em tais conceitos como nacionalismo, anti-colonialismo, anti-imperialismo. Em Goa, no séc. XIX, salvo raras exceções, ninguém tinha sentimentos contra o Estado Português.

Nos escritos de F. L. Gomes, nunca se encontram palavras ou expressões que signifiquem menosprezo ou falta de consideração; pelo contrário, há o orgulho de ser português. Por exemplo, ao reprovar certas atitudes, Gomes diz que tais atitudes não se encontram em Portugal. Ao expressar o seu desprezo pelo *dandy*, a páginas 119-121, diz ele que os *dandys* são raros no sul da Europa.

#### iv) À guisa de conclusão

*Os Brahâmanes* é a obra mais representativa da literatura indo-portuguesa do século XIX. Quando o romance foi publicado, pela primeira vez, em 1866, a imprensa portuguesa foi unânime em reconhecer o "luxo de estilo e galas de elegância" (91) do

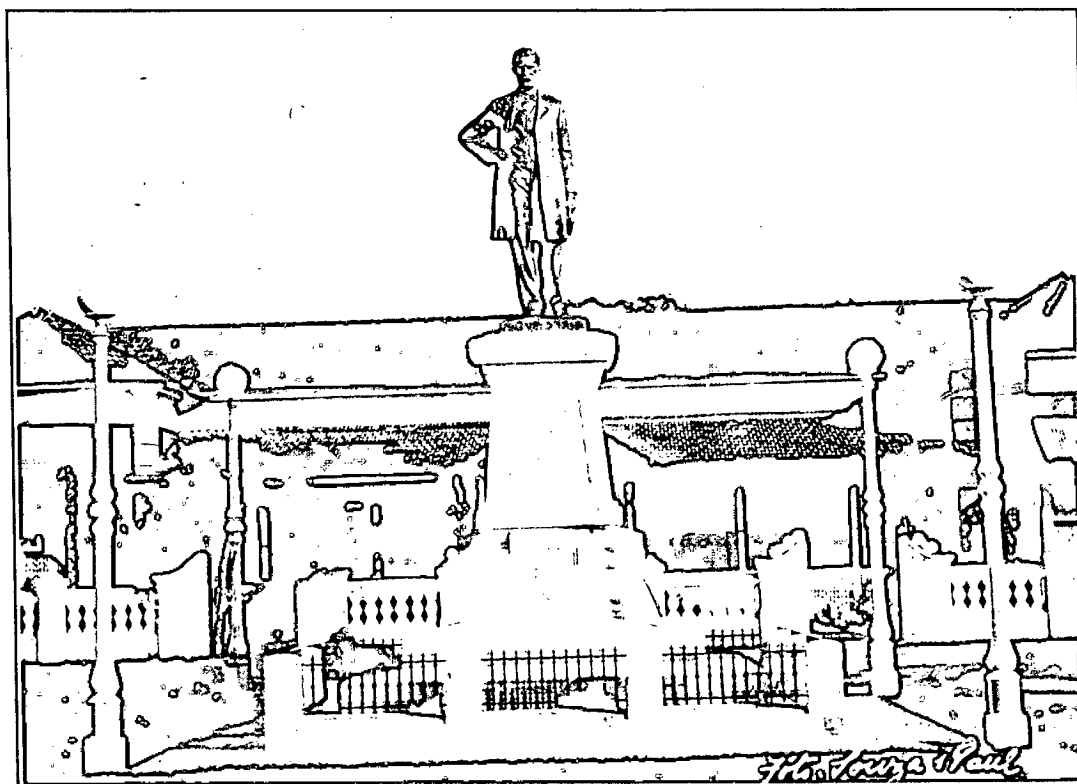
---

(90) " Portugal, que compreendeu a política do evangelho, que a praticou antes que os apóstolos da revolução francesa a ensinassem, não pode, não deve consentir que continue a escravidão nas suas províncias da África. É esta uma mancha na sua legislação" (*Os Brahâmanes*, pag. 205).

(91) "O poder secular querendo tomar parte nesta obra (missionação) profanou-a; cometeu o pior dos erros, a mais impiedosa das perseguições. (...) Apelou-se para a força; chamou-se caridade à perseguição, irmãos às vítimas; invocou-se amplamente a felicidade eterna para desculpar a demolição e incêndio dos pagodes e mesquitas. Diga-se, porém, em abono da verdade, que todos esses atentados eram a expressão das mais puras intenções, disso que eu chamarei despotismo brutal do bem, que não reconhece direitos acima do seu, nem meios refractários à sua vontade. A consciência do bem é sempre uma grande força, e às vezes uma grande cegueira" (*A Liberdade da Terra*, pag. 8).

# Monumento a F. L. Gomes

Erigido á  
iniciativa  
do



Congresso  
Provincial  
da  
India Por-  
tuguesa

Comemorando o 1.º Centenario de seu Nascimento  
1829—1929

Inaugurado em 23 de Dezembro de 1931



seu autor, a "elegância da frase e beleza de conceitos"(92) nele contidos, "a singeleza da língua" com que o autor "pinta com vivas cores da natureza as belas campinas e paisagens da Índia, e as delícias do seu clima" (93).

*Le Courier de Lisbonne* traduziu o romance para francês publicando-o em folhetos. Mais tarde foi traduzido para inglês e publicado por um jornal londrino.

José Feliciano de Castilho, um dos mais autorizados críticos literários do tempo, exprimiu-se assim: "Elegância de estilo, vernaculidade de frase , originalidade de pensamento, facilidade de forma e um dizer sempre simpático e fluente são qualidades que distinguem esta mimosa produção" (94). O juízo crítico de Pinheiro Chagas é o seguinte: "o romance não só é um livro bem escrito, mas é também um interessante romance. As peripécias complicam-se, o enredo prende a atenção, e o estilo fluente, a palavra imaginosa, mostram que o autor soube conservar a virgindade da sua fantasia no meio das lutas parlamentares e da avidez das lucubrações económicas" (95).

E dando a palavra a críticos contemporâneos: "*Os Brahâmanes* é uma obra que ainda hoje se lê com interesse pois o autor consegue mesmo comunicar-lhe um forte *suspense* que prende o leitor" (96).

---

(92) "Portugal converteu uma parte da Índia à religião católica, com os braços dos seus soldados, com o sangue dos seus mártires, com os seus santos, e com as fogueiras da sua inquisição. Os vencidos nesta luta ficaram sendo cristãos e portugueses. A Inglaterra pode imitar o exemplo, menos quanto à força".... (*Os Brahâmanes*, pag.276).

(93) Braz Tizana, cit. em Felizardo Pereira, *op. cit.*, pag. 220.

(94) *A Revolução de Setembro*, em Felizardo Pereira, *op. cit.*, pag.223.

(95) *Ibidem*, pag. 221

(96) Devi-Seabra, *op. cit.*, pag. 197